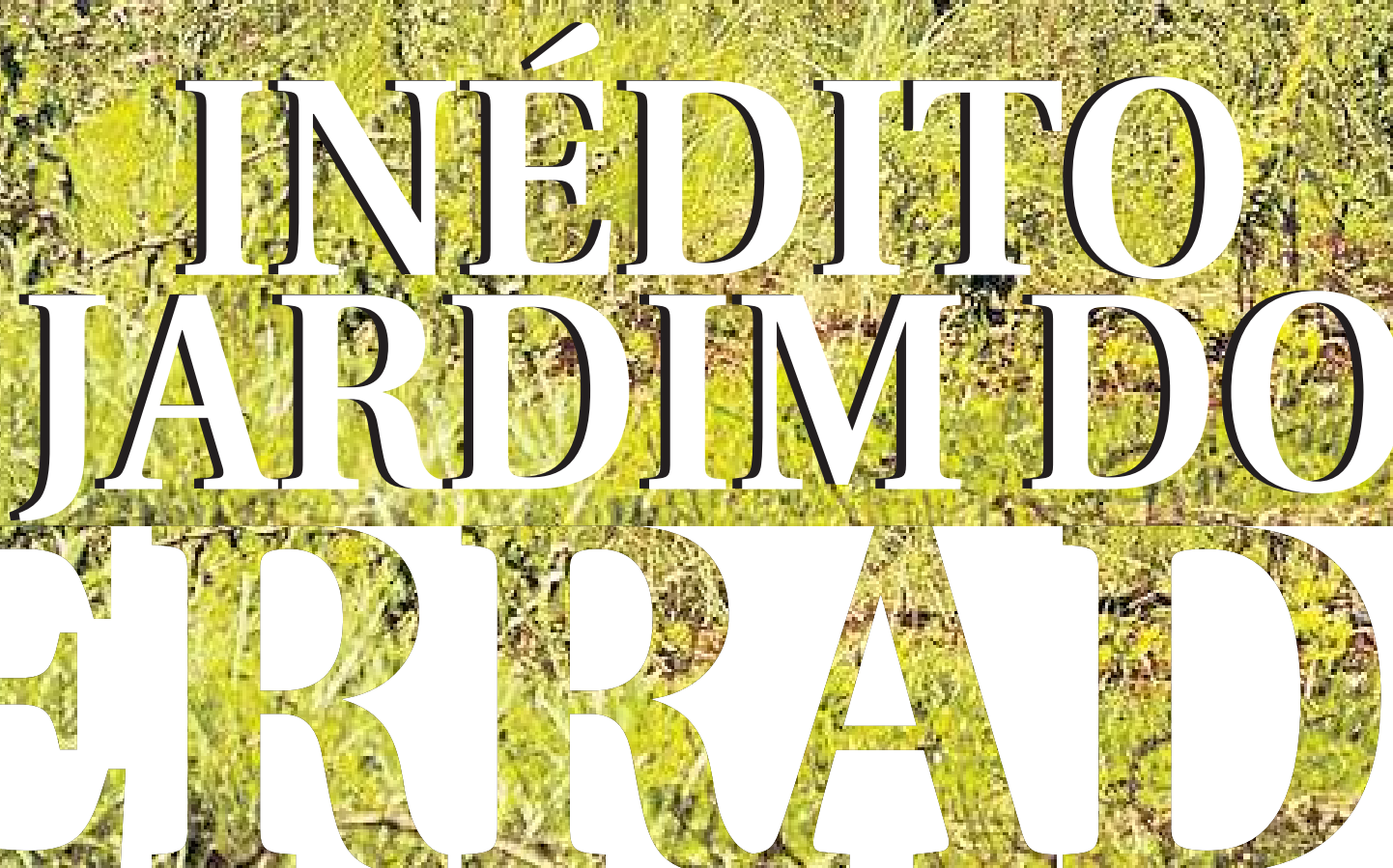


Com a finalidade de conscientizar as pessoas sobre a importância da preservação do segundo maior bioma do país, o Instituto de Ciências Biológicas cria espaço com diferentes espécies da flora, no campus da Asa Norte da Universidade de Brasília



INÉDITO JARDIM DO ERRADO

Jardim Naturalista
Louise Ribeiro

» ALINE GOUVEIA

Com o objetivo de preservar a biodiversidade do segundo maior bioma do Brasil, o Jardim Naturalista Louise Ribeiro, da Universidade de Brasília (UnB), acompanha a germinação, o crescimento e a floração de espécies nativas do cerrado. O local também é um memorial, pois leva o nome da estudante de biologia Louise Maria da Silva Ribeiro, morta em março de 2016, vítima de feminicídio. O jardim é aberto ao público e fica no Instituto de Ciências Biológicas, no campus da Asa Norte. “Só é possível proteger o que conhecemos, e buscamos divulgar e conscientizar a população por meio da inserção de espécies vegetais cerradenses em espaços comunitários”, diz a professora Cássia Munhoz, do Departamento de Botânica da UnB.

Cássia explica que o projeto é um marco, sendo o primeiro jardim naturalista de cerrado do mundo a utilizar espécies arbustivas e herbáceas nativas do bioma no paisagismo. Atualmente, o Jardim Naturalista Louise Ribeiro é um projeto de extensão e é descrito como um ambiente de experimentação e aprendizado. “O Jardim se tornou um experimento ao ar livre que valoriza a negligenciada vegetação do cerrado”, acrescenta a docente.

Criado pela arquiteta paisagista Mariana Siqueira, o jardim tem 720m² de extensão e é cuidado por professores, estudantes e técnicos, por meio de diversos mutirões de manejo, como o controle de ervas exóticas, sementeira e plantio de mudas. “O jardim transforma-se do verde exuberante e vibrante da estação chuvosa para as diferentes tonalidades de marrom e dourado na seca, salpicado por pequenos arbustos que permanecem verdes e florescem em diferentes cores e aromas”, descreve a professora Cássia, coordenadora do projeto.

Para a estudante de ciências biológicas Marina Vendramini, o jardim é um ponto de apoio que a ajudou em uma mudança de perspectiva. “Pode compreender muito melhor nosso bioma, entender como o



O Jardim Naturalista Louise Ribeiro tem 720m² de extensão

O Jardim se tornou um experimento ao ar livre que valoriza a negligenciada vegetação do cerrado"

Cássia Munhoz,
Professora do Departamento de Botânica da UnB

cerrado é visto pela comunidade e aprender a respeitar os ciclos do jardim e a nova proposta que ele traz. Foi também um espaço seguro para discutir questões feministas e de gênero — a necessidade de resistência se tornou muito mais clara”, relata.

Para Anna Cecília Batista, também estudante de ciências biológicas, o espaço simboliza esperança, mudança e visibilidade. Ela conheceu o projeto assim que ingressou na UnB, em 2019. “Esperança que as plantas e as mulheres tenham maior visibilidade perante a sociedade, mudando a concepção e a visão que as pessoas têm do cerrado, mostrando que ele pode, sim, ser um jardim, e suas espécies têm seu jeitinho único e adaptado à sazonalidade de daqui”, destaca a graduanda.

Biodiversidade em risco

O cerrado cobre cerca de 25% do território nacional, abrangendo uma área entre 1,8 e 2 milhões de km² nos estados de Goiás,

Tocantins, Mato Grosso do Sul, sul do Mato Grosso, oeste de Minas Gerais, Distrito Federal, oeste da Bahia, sul do Maranhão, oeste do Piauí e porções de São Paulo. Segundo informações do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o bioma possui aproximadamente 6 mil espécies de árvores e 800 de aves.

Uma das características mais marcantes do cerrado é o endemismo das plantas, isto é, a capacidade de espécies se desenvolverem apenas em determinado local. Das 13 mil espécies de angiospermas, por exemplo, 30% são consideradas endêmicas. “O cerrado sofre uma excepcional perda de habitat. Estudos alertam que a expansão agrícola e a falta de políticas de preservação consistentes provavelmente representam a destruição de 50% do bioma e, por consequência, a extinção de muitas espécies endêmicas”, alerta a professora Cássia.

